

# COMBATER A PROVOCAÇÃO REACCIÓNÁRIA!

## FORTALECER A UNIDADE ESTUDANTIL!

Um factor fundamental explica as dificuldades que presentemente atravessa a luta estudantil. Trata-se da situação caótica do ensino, das dificuldades reais que dela derivam e de encontrar solução para ela. O principal responsável, senão o exclusivo responsável foi o fascismo. É bom que isso nunca seja esquecido e deveremos pelo menos suspeitar dos que pretendem camuflar ou esconder esse facto.

Há por vezes a tendência de não encarar de frente esta situação objectiva caindo-se facilmente numa política de tapar buracos, numa política de remendos, assente no facilitismo, no individualismo, em irresponsabilidade social. A outra face desta moeda são as concepções dos que confundem a realidade com a sua retórica pseudo-radical, convencidos que alteram a correlação de forças política com um parágrafo a mais um parágrafo a menos.

Os estudantes portugueses tem perdido demasiado tempo com discussões estóreis, tantas vezes unicamente limitadas ao campo da calúnia e da provocação e com isso se enfraquece o Movimento Associativo unitário e a força da participação estudantil na transformação democrática das escolas do nosso país.

Quem ganha com isso, devemos responder claramente, é a reacção e todos os reacçãoários, interessados por um lado em dividir o movimento popular de massas, desfalcando-o da participação estudantil, interessados por outro lado em impedir transformações democráticas do ensino do mesmo modo que resistem ferozmente à tomada de medidas firmes e seguras contra o poder dos monopólios, interessados por fim em instaurar nas escolas um clima artificial de instabilidade e desconfiança política, tal como a outros níveis, lançam campanhas de boatos ou fazem sabotagem económica, tentando lançar o descrédito na nova ordem democrática e multiplicar-lhe as dificuldades.

A reacção manobra hábilmente no meio estudantil, mas para lhe dar combate precisamos de saber os processos que utiliza, a maneira como actua, pois é certo que os fascistas não aparecem na Universidade como tal, evitando dessa forma o desmascaramento fácil das suas actividades. Todavia a história recente do Movimento Associativo dá dados suficientes para podermos identificar o agente da contra-revolução entre os estudantes.

Chama-se M.R.P.P. ou F.E.M.L. ou F.R.E.P., o grupelho que na Universidade é o instrumento directo da grande burguesia e do imperialismo. Não o dizemos levemente, mas fazemos sim com toda a firmeza, esta afirmação. Fazemo-la porque vamos prová-la. Não confundimos a sua actuação, com os seus militantes considerados individualmente, muitos dos quais, queremos acreditar, militam de boa fé nas suas fileiras. Um levantamento, embora parcial, do que tem sido a sua acção provocatória, demonstrará o que temos vindo a afirmar:

Sabotagem do processo de descolonização - relembramos o seu ultra-reacçãoário slogan "Nem mais um soldado nem mais um tostão para as colónias" que, a ter sido seguido teria levado à vitória do colonialismo e imperialismo, pois lhe deixaria as mãos muito mais livres para conspirarem contra o processo de independência nacional dos povos das colónias.

Coincidência de posições com os fascistas - por exemplo quanto ao 28 de Setembro vem afirmar tal como aqueles que não houve nenhuma conspiração reacçãoária, que se tratou tudo de manobra dos comunistas; por exemplo, quanto às campanhas de alfabetização, em que procuram justificar as acções do clero e dos caciques mais reacçãoários do interior do nosso país.

Actividade provocatória sistemática contra a nova ordem democrática - por exemplo no caso Peralta em buscaram desesperadamente o confronto com o M. F.A.; por exemplo os incidentes em frente da Penitenciária de Lisboa que se enquadram na preparação do clima para o golpe reacçãoário de Setembro; no funeral do democrata Vítor Bernardes, etc, etc.

Sabotagem da luta anti-imperialista - os ginastas, os músicos e os artistas soviéticos que fazem tournées no nosso país são para o M.R.P.P. "mortíferos" agentes da K.G.B., e este delírio irresponsável não teria consequências se não fosse única e simplesmente a tentativa de desviar as atenções da actividade de que a C.I.A. e o imperialismo desenvolvem contra o processo de democratização do nosso país.



Os seus métodos falham por si - em que se distingue a sua acção reles e caluniosa daquela que a PIDE levava a efeito distribuindo panfletos não assinados ou da que fazia a Legião ou a ANSA ou organizações congéneres que agora assinam "Nacionalismo Revolucionário"? A chantagem física, a provocação por sistema, em que se distingue o M.R.P.P. das outras organizações fascistas que utilizam os mesmos métodos?

Um grupo de militantes da U.E.C. fez a demonstração de que Saldanha Sanches, figura dirigente do M.R.P.P. trafu miseravelmente na PIDE e denunciou 10 (na altura) camaradas seus, militantes do P.C.P. Porque se empenham os militantes do M.R.P.P. em lançar poeira sobre este facto, em vez de procurarem demonstrar (se o conseguissem) que é falso? Como explicar o significativo silêncio que sobre ele a PIDE manteve até ao fim enquanto Saldanha Sanches desenvolvia as suas actividades no M.R.P.P.?

E Martins Soares advogado de Saldanha Sanches, como explicará o M.R.P.P. que aquele individuo, depois de industriado por Gonçalves Pereira com quem trabalhou, se tenha transformado num especializado serventuário e num testa de ferro dos monopólios americanos, como a Welles Fargo e outros no nosso país?

O anti-comunismo feroz, obsessivo, é direcção fundamental do esforço do M.R.P.P., tal como foi do ex-Partido do Progresso, tal como é do clero e dos caciques ultra-reacçãoários. Quem poderá distingui-los na acção anti-comunista?

O anti-comunismo não ataca apenas os comunistas pois visa criar uma divisão artificial das forças populares e minar a sua unidade. A todos aqueles que sete meses após o 25 de Abril estão suficientemente vigilantes para recordar que o anti-comunismo foi o grande pretexto do terrorismo fascista, será inútil fazer a demonstração deste facto. O M.R.P.P., afirmamo-lo não é "mais um" grupo político, mas única e simplesmente uma ponta de lançado fascismo debaixo de uma roupa cada vez menos de "esquerda".

A U.E.C., ao fazer a denúncia da actividade provocatória do M.R.P.P. não pretende fazer "caça às bruxas", senão, isolar o agente do fascismo nas escolas, dá-lo a conhecer e neutralizar a sua acção contra-revolucionária. O nosso objectivo político é impedir que os fascistas atirem o movimento estudantil para o lado da reacção.

A abordagem das questões do ensino e da situação política das escolas, em particular das Universidades põe-nos diante desta alternativa: ou os estudantes portugueses acompanham o processo de democratização do nosso país e nele participam activamente lado a lado com as massas populares, com o M.F.A. e com o Governo Provisório, ou os estudantes portugueses constituem um peso morto entravando as transformações históricas do nosso país, correndo o risco de se colocarem de facto ao lado da reacção. É ilusório pensar-se que pode haver terceiras posições ou que os estudantes poderão ser os cómodos espectadores dum país a transformar-se. Todas as alternativas são apenas duas alternativas. Todas as acções, todas as propostas e soluções terão antes de mais de responder a esta pergunta: que lado servem? Servem o processo revolucionário ou servem a contra-revolução?

Só desta forma poderemos responder ao seguinte: lutar pela Reforma Geral e Democrática do Ensino ou justificar, por mais imaginosas que sejam as razões, que não se tomem medidas para se transformar o ensino fascista? Lutar pela democratização do ensino ou paralisar o ensino? Lutar pelo Movimento Associativo unitário e reforçá-lo ou provocar o enfraquecimento das organizações representativas dos estudantes? Lutar pela unidade estudantil com as massas populares ou provocar a divisão entre os estudantes e entre estes e o povo português?

Pela sua acção os estudantes comunistas já demonstraram de que lado estão. A U.E.C., sem se escusar ao debate ideológico, antes incentivando-o, fará todos os esforços para desenvolver a unidade com todas as forças políticas que na Universidade estão dispostas a contribuir positivamente para o fortalecimento do processo de democratização do nosso país. Por outro lado a U.E.C. desenvolverá todos os esforços para reforçar a unidade de acção dos estudantes portugueses através das suas estruturas representativas e unitárias que continuarão a ser o mais poderoso meio de intervenção política de massas da juventude estudantil.

Coimbra 9/12/74

A Direcção de Organização Regional  
de Coimbra da

UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS